



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**FACULDADE DE LETRAS**

EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NAS OBRAS *QUARTO DE DESPEJO* (1960), DE CAROLINA DE JESUS, E *LETTRES À UNE NOIRE* (1978), DE FRANÇOISE EGA

Ana Izabel de Oliveira Sant' Anna Luz

Rio de Janeiro

2022

ANA IZABEL DE OLIVERA SANT' ANNA LUZ

EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NAS OBRAS *QUARTO DE DESPEJO* (1960), DE CAROLINA DE JESUS, E *LETTRES À UNE NOIRE* (1976), DE FRANÇOISE EGA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação em Português-Francês.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Jacques de Moraes

**RIO DE JANEIRO**

LUZ, Ana

Efeitos da Colonização nas obras *Quarto de despejo* (1960), de Carolina de Jesus, e *Lettres à une noire* (1976), de Françoise Ega/ Ana Izabel de Oliveira Sant' Anna Luz – 2023. 33 f.

Orientador: Marcelo Jacques de Moraes

Trabalho de conclusão de curso (graduação em Letras: português-francês)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade  
de Letras.

Bibliografia: f. 34-36.

1. Carolina de Jesus. 2. Françoise Ega. 3. Colonização. I- Luz, Ana (autor).  
II- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, (2023) III-  
Título.

# FOLHA DE AVALIAÇÃO

Ana Izabel de Oliveira Sant' Anna Luz

118094608

EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NAS OBRAS *QUARTO DE DESPEJO* (1960), DE CAROLINA DE JESUS, E *LETTRES À UNE NOIRE* (1978), DE FRANÇOISE EGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência final para integralização do curso de Licenciatura em Letras-Português/Francês da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Data da avaliação: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_

Nota:

Prof. Dr. Marcelo Jacques de Moraes, UFRJ – Orientador

\_\_\_\_\_

Nota:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Patrício Fernandes, UFRJ – Leitor crítico

Média:

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, às mulheres e homens negros que resistiram em seus tempos para que hoje eu pudesse existir.

À minha mãe, que me alfabetizou com esperança para que eu pudesse falar, mesmo quando a nós era suposto o silêncio. Ao meu pai Marlon, pelo amor e presença.

À minha avó Clara, por ser uma fortaleza e, com isso, me ensinar a persistir. Ao meu avô Carlinhos, meu poeta favorito, por me ensinar a escrever destinos impensados.

Às minhas irmãs Sara, Jéssica e Andreza, por serem minha inspiração. Aos meus irmãos Moisés e Fagner, por acreditarem em meus sonhos.

Ao meu tio Vander, por ter me ensinado a estar no mundo com mais leveza e humor. À minha tia Michele, por ser abrigo e inspiração. Ao Thaiuã e ao Thiago, meus primos, pelas alegrias nos dias de cansaço.

À minha amiga Camilla Aveiro, pela presença fundamental em minha trajetória acadêmica e por compartilhar comigo o sensível amor pela literatura.

À minha amiga Gabrielle Abreu, pelo amor e presença em todas as minhas conquistas.

Às mulheres e meninas do Mulheres Negras Fazendo Ciência, por terem sido abrigo e acolhimento durante a graduação.

À professora Irma Rizzini, pela orientação afetuosa e competentemente em minhas primeiras pesquisas.

Ao meu orientador, Marcelo Jacques, pelo brilho no olhar ao ensinar e por todo carinho e comprometimento comigo.

Aos demais amigos e familiares, pela motivação e companheirismo.

Ao Victor Piucci, meu grande amor e parceiro de vida, por ser o meu lar e o meu maior incentivador.

Por fim, agradeço a mim, por ter fé e não desistir daquilo que, para minha família, é um evento inaugural: a conclusão de uma graduação.

## **RESUMO**

Com a intenção primária de trazer à cena literária autorias negras, o presente trabalho analisa e compara passagens das obras *Quarto de despejo* (1960) e *Lettres à une noire* (1978), das escritoras Carolina de Jesus (1914-1977) e Françoise Ega (1920-1976), respectivamente. Para tanto, encontram-se mobilizados estudos realizados por diversos intelectuais, majoritariamente negros. Destacam-se, como fundamentação teórica, os estudos de Aimé Césaire (1955) e Grada Kilomba (2019) acerca da colonização e também a proposição do conceito de escrevivência (1994), cunhado pela professora e escritora Conceição Evaristo.

## **ABSTRACT**

With the primary intention of bringing to the literary scene black authors, the present work analyze and compares passages of the works *Quarto de Despejo* (1960) and *Lettres à une noire* (1978), by the writers Carolina de Jesus (1914-1977) and Françoise Ega (1920-1976), respectively. For such are found mobilized studies performed by various intellectuals, mostly black. Stand out, as theoretical foundation, the studies of Aimé Césaire (1955) and Grada Kilomba (2019) about the colonization and also for the proposition of the concept of writing (1994), coined by the teacher and writer Conceição Evaristo.

# SUMÁRIO

## **1. INTRODUÇÃO**

## **2. DA COLONIZAÇÃO À LIBERTAÇÃO**

2.1 *Primitivismo x práticas civilizatórias? Máscara do silêncio e lugar de enunciação*

2.2 *Escrita de si: uma prática de transgressão*

## **3. CORRESPONDENTES NEGRAS EM EVIDÊNCIA**

3.1 *Carolina de Jesus: de Bitita à poetisa negra*

3.2 *Mam'Ega: Celle qui dit non à l'ombre*

## **4. ESTRELAS ALÉM DO TEMPO**

4.1 *Literaturas de testemunho em foco*

## **5. REFLEXÕES FINAIS**

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## 1. INTRODUÇÃO

No Brasil ou na França, o sujeito negro permanece em busca da construção de sua identidade e autonomia. Essa autonomia pode ser exercida, segundo a psicanalista Neusa Santos Souza (1948-2008), por meio da disposição de um discurso sobre si. Esse discurso, convém dizer, torna-se mais significativo quando compreende concretamente a realidade (SOUZA, 2021).

Na lógica dos discursos possíveis, a linguista e professora Conceição Evaristo define, em seu texto *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face* (2005), a escrita como uma senha pela qual ela acessa o mundo (EVARISTO, 2005). Essa ideia, aliada ao que Evaristo propõe como escrevivência – conceito formado pelas palavras escrever, viver e se ver –, permite teorizar, em parte, como e por que foram escritos os textos dos livros *Quarto de despejo* (1960), de Carolina de Jesus (1914-1977), e *Lettres à une noire* (1978), de Françoise Ega (1920-1976).

Assim sendo, para a autora brasileira, pertencer ao mundo tornou-se falar sobre ele. Desse modo, Carolina de Jesus se sentiu autorizada a tecer comentários acerca de diversos tópicos que permearam a sua vida, relatando, então, sua rotina de trabalho, seu cotidiano como mulher, sujeito negro e mãe solo e, também, como (uma) escritora invisibilizada.

Nesse sentido, *Quarto de despejo* (1960) pode ser lido como uma forma de subverter a lógica da contação de histórias negras a partir da perspectiva branca de comando. É inegável, no entanto, que a vivência da literata brasileira está, sim, forçadamente na curva do racismo e que, como tal, ela está constantemente rodeada pelo que a psicóloga e psicanalista Maria Lúcia da Silva chama, ao prefaciар *Tornar-se negra* na edição de 2021, de “condição de fantasma”, sendo, então, aquilo que ninguém vê, mas que existe.

O racismo ronda sua existência na condição de um fantasma desde o seu nascimento, ninguém o vê, mas ele existe; embora presente na memória social e atualizado através do preconceito e da discriminação racial, ele é sistematicamente negado, se constituindo num problema social com efeitos drásticos sobre o indivíduo (SILVA, 2021).

A respeito dessa temática, o presente trabalho intui relacioná-la com o que propõe o autor e político da negritude Aimé Césaire (1913-2008) que, ao tratar da colonização em sua obra *Discours sur le colonialisme* (1955), expõe evidências que escancaram as digitais dos processos colonizatórios nas vivências daqueles que foram – e ainda são –



subalternizados e explorados por pessoas brancas. Nesse viés, a intelectual Grada Kilomba mobiliza conhecimentos a respeito da memória, do trauma e do silenciamento ao lidar com essa realidade dilacerante imposta aos sujeitos negros.

Isto posto, destaca-se outro ponto fundamental: o movimento de se sentir autorizado a falar e, enfim, relatar-se em primeira pessoa é, para esses sujeitos, um movimento de libertação que gera, sucessivamente, o surgimento de outras narrativas semelhantes.

No livro da martinicana Françoise Ega, esse aspecto explicita-se. As autoras, cabe dizer, nunca se conheceram de fato, mas *algo* entre elas as tornava próximas, ainda que com vivências diferentes territorial, social, financeira e afetivamente. Mas, ainda assim, Françoise Ega, ao ler somente uma matéria sobre a autora brasileira, foi capaz de perceber que a negritude, aspecto inseparável da experiência de vida de sujeitos negros, é lida, no Brasil ou na França, sob a mesma ótica racista. Por isso, então, a autora escreveu a Carolina, que não teve a chance de responder por sequer ter tido a oportunidade de conhecer

Ega.

Sendo assim, mais do que somente citar as escritoras, aqui intui-se trazê-las ao cerne das discussões literárias por intermédio de suas afamadas publicações, compreendendo, para tanto, aspectos pertinentes aos gêneros literários e, também, às vivências pessoais de cada uma delas, que constituem, efetivamente, grande parte do conteúdo de suas obras. Compõem o presente trabalho, além disso, a transcrição de determinadas passagens na íntegra, referências que se relacionam com o tema, bem como análises e comentários comparativos.

São, portanto, essas as considerações iniciais para o que se deseja que seja uma profícua leitura.

## 2. DA COLONIZAÇÃO À LIBERTAÇÃO

### 2.1 *Primitivismo x práticas civilizatórias? Máscara do silêncio e lugar de enunciação*

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento provoca é decadente. Uma civilização que opta por fechar os olhos para seus problemas mais cruciais é uma civilização doente. Uma civilização que se esquia diante de seus princípios é uma civilização moribunda<sup>1</sup> (CÉSAIRE, 2020, p. 9).

Ao termo “civilizar”, semanticamente, atribuem-se diversas definições. Estas, geralmente, não apresentam grandes distinções entre si. Uma possível primeira leitura<sup>2</sup> concebe o verbo “civilizar” como *sair do estado primitivo*. A questão que se impõe, todavia, é: quem são os povos no *estado primitivo*?

O pedantismo cristão é, segundo o escritor martinicano Aimé Césaire, o responsável pela elaboração de equações desonestas que afirmam que “*cristianismo = civilização e paganismo = selvageria*”<sup>3</sup> (CÉSAIRE, 2020, p. 11). Assim, propagam-se práticas e ideais colonizatórios e racistas, que vitimam índios, amarelos e negros (CÉSAIRE, 2020, p. 11).

Diante disso, convém explorar o que é, então, a colonização. É preciso compreender que ela

(...) não é nem evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de empurrar para trás as fronteiras da ignorância, da doença e da tirania, nem expansão de Deus, nem extensão do Direito; é admitir de uma vez por todas, sem recuar ante as consequências, que o gesto decisivo aqui é do aventureiro e do pirata, dos merceeiros em geral, do armador, do garimpeiro e do comerciante; do apetite e da força, com a sombra maléfica, por trás, de uma forma de civilização que, em um momento de sua história, se vê obrigada internamente a estender à escala mundial a concorrência de suas economias antagônicas<sup>4</sup> (CÉSAIRE, 2020, p. 10).

---

<sup>1</sup> Em francês: « Une civilisation qui s'avère incapable de résoudre les problèmes que suscite son fonctionnement est une civilisation décadente. Une civilisation qui choisit de fermer les yeux à ses problèmes les plus cruciaux est une civilisation atteinte. Une civilisation qui ruse avec ses principes est une civilisation moribonde » (CÉSAIRE, 1955, p. 44).

<sup>2</sup> Segundo o Dicionário On-line do Português (DICIO).

<sup>3</sup> Em francês: « *Christianisme = civilisation; paganisme = sauvagerie* » (CÉSAIRE, 1955, p. 55)

<sup>4</sup> Em francês « (...) ni évangélisation, ni entreprise philanthropique, ni volonté de reculer les frontières de l'ignorance, de la maladie, de la tyrannie, ni élargissement de Dieu, ni extension du Droit, d'admettre une fois pour toutes, sans volonté de broncher aux conséquences, que le geste décisif est ici de l'aventurier et du pirate, de l'épicier en grand et de l'armateur, du chercheur d'or et du marchand, de l'appétit et de la force, avec, derrière, l'ombre portée, maléfica, d'une forme de civilisation qui, à un moment de son histoire, se constate obligée, de façon interne, d'étendre à l'échelle mondiale la concurrence de ses économies antagonistes » (CÉSAIRE, 1955, p. 55).

Isto posto, destaca-se aqui que o *contato* entre as diferentes civilizações não constitui, nem de longe, parte do problema. Pode ser excelente o casamento entre mundos diferentes (CÉSAIRE, 2020). A questão, entretanto, está no que surge junto ao *contato*: a aniquilação do outro<sup>5</sup>. Desse modo,

entre colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas.

Nenhum contato humano, porém relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcerário, em açoite, o nativo em instrumento de produção<sup>6</sup> (CÉSAIRE, 2020, p. 24).

É nesta camada, então, nas fronteiras do *contato*, que se estabelece que o replantio de raízes culturais é, também, mantido pela *troca*. Não de bens, nem de forças. Uma *troca* entre gentes. Mas os processos colonizatórios de fato puseram em contato? Césaire (2020) responde: *não*.

E digo que, da colonização à civilização, a distância é infinita; que de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais despachadas, não sobraria um único valor humano<sup>7</sup> (CÉSAIRE, 2020, p. 11).

O *contato* colonial não é efetivo, nem nunca foi, sem que houvesse a presença da *máscara do silenciamento*, como apresenta a escritora e artista Grada Kilomba (2019), que é tão metafórica quanto literal — um projeto colonial europeu e, também, “um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito negro, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa” (KILOMBA, p. 33, 2019).

Como não há *troca* em relações verticais, Césaire (2020) propõe outra equação: *colonização = coisificação*. Sendo assim, é possível reconhecer um padrão de *práticas civilizatórias*: primeiro os colonizadores *descobrem*<sup>8</sup> terras e se apropriam delas; depois,

---

<sup>5</sup> Dentro da infeliz dinâmica colonial, “o *sujeito negro* torna-se não apenas a/o ‘Outra/o’ – o diferente, em relação ao qual o ‘eu’ da pessoa *branca* é medido -, mas também “Outridade” – a personificação de aspectos repressores do ‘eu’ do *sujeito branco*” (KILOMBA, 2008, p. 37-38).

<sup>6</sup> Em francês: « Entre colonisateur et colonisé, il n'y a de place que pour la corvée, l'intimidation, la pression, la police, l'impôt, le vol, le viol, les cultures obligatoires, le mépris, la méfiance, la morgue, la suffisance, la muflerie, des élites décérébrées, des masses avilies. Aucun contact humain, mais des rapports de soumission qui transforment l'homme colonisateur en pion, en adjudant, en garde-chiourme, en chicote et l'homme indigène en instrument de production » (CÉSAIRE, 1955, p. 1112-1113).

<sup>7</sup> Em francês: « Et je dis que de la colonisation à la civilisation, la distance est infinie; que, de toutes les expéditions coloniales accumulées, de tous les statuts coloniaux élaborés, de toutes les circulaires ministérielles expédiées, on ne saurait réussir une seule valeur humaine » (CÉSAIRE, 1955, p. 66).

<sup>8</sup> *Descobrir*, nesse sentido, assume uma perspectiva etnocêntrica. Ao chegarem em território brasileiro, por exemplo, os europeus passaram apenas a conhecer terras onde já habitavam povos indígenas.

encontram pessoas e as coisificam. Neste sentido, “a máscara representa o colonialismo como um todo” (KILOMBA, p. 33, 2019), porque sem pertencimento, há tão somente um lugar a se ocupar: o do silêncio. Afinal, assim se determina quem pode fazer parte de um espaço de enunciação (KILOMBA, 2019).

Diante disso, reconhecer as vítimas, expor a face das barbáries sociais e, sobretudo, apontar os cúmplices, é, também, um caminho para a criação de um dispositivo de mudança social.

Tratar da gênese da colonização é assumir, então, que talvez ela não tenha começado quando a primeira terra foi tomada, mas quando um homem se tornou desumanizado o bastante para pegá-la: “(...) o colonizador, ao acostumar-se a ver o outro como animal, ao treinar-se para tratá-lo como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transformar, ele próprio, em animal”<sup>9</sup> (CÉSAIRE, 2020, p. 23).

Assim, falar de pertencimento – social ou territorial –, dado o contexto, é impensável para os povos colonizados. Visto que, como postula o filósofo e político também antilhano Frantz Fanon (1925-1961) em *Peles negras, máscaras brancas* (2008), os impactos do colonialismo e do racismo no psiquismo de mulheres e homens negros suscitam neles um ideal de brancura que os afeta psicológica, social e politicamente.

A expectativa é, portanto, que sujeitos-negros contem histórias exóticas – quando há, vez ou outra, a oportunidade de eles narrarem a si mesmos. Uma escritora como Carolina Maria de Jesus, por exemplo, jamais poderia ser *apenas* uma escritora. Seria razoável, assumindo a ausência de pluralidade de gênero e raça na literatura, que ela fosse retratada como uma escritora-mulher ou até mesmo uma escritora-negra, mas isso, por si só, é insuficiente para o projeto colonial. Como negra, espera-se que Carolina de Jesus performe o roteiro do colonizador (KILOMBA, 2019), ou seja, há até a possibilidade de ela ser notada, desde que não se esqueça dos papéis sociais atribuídos a ela<sup>10</sup>.

O mesmo ocorre com a escritora francesa Françoise Ega, que, nascida na Martinica, não poderia, na ótica colonialista, pertencer à França, e que, por isso, não

---

<sup>9</sup> Em francês: « (...) le colonisateur qui, pour se donner bonne conscience, s'habitue à voir dans l'autre la bête, s'entraîne à le traiter en bête, tend objectivement à se transformer lui-même en bête. C'est cette action, ce choc en retour de la colonisation qu'il importait de signaler » (CÉSAIRE, 1955, p. 1111).

<sup>10</sup> Vide algumas manchetes lançadas citando a autora: “Lançamento do diário da favelada Carolina”, “Um livro será baseado no ‘best-seller’ da favelada” (1960, Diário da Noite) e “Carolina Maria de Jesus (escritora favelada) autografou muitos de seu *Quarto de despejo*” (1961, Correio Paulistano).

poderia falar bem *seu* idioma<sup>11</sup>. Nas fronteiras do pensamento colonial, é inconcebível a ideia de um sujeito-negro ocupar, em um mesmo país, espaços territoriais idênticos aos de um sujeito-branco.

Por esse motivo, é preciso identificar as margens do colonialismo, demarcá-las e transgredi-las. Essa, contudo, não deve ser uma prática assumida apenas por sujeitos-colonizados. Pelo contrário, quem se beneficia, ainda que involuntariamente, com a existência de um sistema desigual e racista deve, por obrigação, combatê-lo. Afinal, são essas pessoas que majoritariamente ocupam os lugares de enunciação.

Para garantir a manutenção de seus privilégios, o opressor silencia o oprimido. Ele o faz pois sabe que ouvir representa uma “autorização em direção à/ao falante” (KILOMBA, p. 42, 2019). Para ser ouvido, é preciso pertencer, e assim como há uma lógica de permissão para aqueles que falam e aqueles que ouvem, há do mesmo modo quem seja o “eu” e quem seja o “outro”.

Neste sentido, “o *sujeito negro* torna-se então aquilo a que o *sujeito branco* não quer ser relacionado. Enquanto o *sujeito negro* se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se a vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se o oprimido e o oprimido, o tirano” (KILOMBA, p. 34, 2019).

## 2.2 *Escrita de si: uma prática de transgressão*

Racismo e colonização estão desenhados em uma mesma espiral e, nesse sentido, coexistem. A *escrevivência* – o ato-palavra de escrever, viver e se ver – é, portanto, a quebra dessa espiral nas obras das autoras Carolina de Jesus e Françoise Ega.

Isto é, o conceito cunhado pela professora e escritora Conceição Evaristo (1994) sintetiza a prática da narração em primeira pessoa executada pelas autoras. Mais ainda, revela que a produção e a publicação desses textos são como um impulsor para que outras mulheres desejem escrever e falar sobre si próprias. Dessa forma, pode-se dizer que as autoras supracitadas figuram, respectivamente, como grau 0 e grau 1 desse movimento literário e social.

Assim, em 17 de maio de 1958, Carolina de Jesus escreveu em seu diário:

---

<sup>11</sup> Françoise Ega nasceu em *Le Morne-Rouge*, uma pequena cidade na Martinica. A Martinica, por sua vez, é um departamento ultramarino insular francês, isto é, ela está fora da França metropolitana, em uma ilha no Caribe. Em 1635, foi invadida pela França e, por conseguinte, em 1660, teve seus povos indígenas exportados no que é chamado de Expulsão Caribenha; em seguida, prisioneiros foram trazidos da África para a região para a produção de mão de obra escrava. Por ter sido colonizada pela França, a Martinica tem como idioma oficial o francês.

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo (...) (DE JESUS, p. 33, 2016).

No trecho, é possível notar alguns aspectos importantes: logo de início, Carolina de Jesus relata estar nervosa e com vontade de morrer – desejo esse retratado em outros momentos de seu diário; justifica, então, essa vontade, com o questionamento: “já que os pobres estão tão mal colocados, para que viver?” (DE JESUS, p. 33, 2014).

Desse modo, a escritora revela a existência de uma consciência de classe e do lugar social que ocupa, bem como indica o desfavorecimento psicológico de estar à margem da sociedade – no “quarto de despejo”, como bem define. Demonstra, também, sua preocupação com “os pobres de outros países” quando pergunta com certa ingenuidade se eles sofrem como os pobres do Brasil.

Em cartas nunca entregues, a Françoise Ega responde: “Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs”<sup>12</sup> (EGA, p. 5, 2021). E complementa: “(...) todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço”<sup>13</sup> (EGA, p. 5, 2021).

É possível assumir, portanto, que as relações entre grau 0 e grau 1 são iniciadas a partir do ato-palavra de Carolina de Jesus que, ao escrever em primeira pessoa, incentivou que a autora martinicana fizesse o mesmo: “Se você não tivesse se tornado a minha inspiração, eu já teria atirado tudo para o alto, dizendo: De que adianta escrever?”<sup>14</sup> (EGA, p. 8, 2021).

Não apenas por ser uma palavra composta de muitas outras, *escrevivência* é um termo que recupera muitos sentidos. Nesse horizonte, possibilita-se a visualização de perspectivas de passado e futuro presentes nos rastros de memória das pessoas negras.

Perspectivas de passado, pois é possível trilhar um caminho inverso na contação de histórias de pessoas negras, e, ao mesmo tempo, perspectivas de futuro, pois, por meio dela, torna-se possível recriar a ideia da Mãe Preta contando histórias para ninar os da casa-grande (EVARISTO, 2020).

---

<sup>12</sup> Em francês: « Mais oui, Carolina, les misères des pauvres du monde entier se ressemblent comme des sœurs » (EGA, 1978, p. 9).

<sup>13</sup> Em francês: « (...) on te lit par curiosité, moi je ne te lirai jamais; tout ce que tu as écrit, je le sais (...) » (EGA, 1978, p. 9)

<sup>14</sup> Em francês: « Si tu n'étais pas devenue mon égérie, j'aurais tout flanqué par la fenêtre en me disant “à quoi bon écrire des choses?” » (EGA, 1978, p. 12).

A Mãe Preta, como na escultura de bronze de Júlio Guerra (1912-2001) produzida em 1955 e atualmente localizada no Centro Histórico de São Paulo, é a figura da mulher negra que amamenta, canta/conta histórias e nina os pequenos da casa-grande, mas que, ainda assim, está sob o poder da herança branca de mando (EVARISTO, 2020).

Recriar essa imagem é possibilitar que mulheres negras tenham a possibilidade de narrar – como desejarem – suas próprias histórias, contrariando, assim, as obrigações de subalternidade (KILOMBA, 2020).

A nossa *escrevivência* não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (EVARISTO, 2020).

### 3. CORRESPONDENTES NEGRAS EM EVIDÊNCIA

#### 3.1 *Carolina de Jesus: de Bitita à poetisa*

Carolina Maria de Jesus, esse é o nome de uma das mais notáveis escritoras brasileiras do século XX. Nascida em data estimada 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, interior mineiro, migrou para São Paulo aproximadamente em 1938, onde, posteriormente, constituiu suas afamadas memórias expostas em seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960 pela editora Francisco Alves.

É fundamental destacar que *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) não constitui, definitivamente, todo o inventário de obras da escritora mineira<sup>15</sup>. Ela, que figurou como convidada especial em recorrentes e aclamadas participações de eventos políticos àqueles relativos às letras, estampou, também, as capas de inúmeras revistas e jornais que anunciaram – ainda que muitas vezes a contragosto – suas novas produções artísticas e seu sucesso de vendas.

Mas, antes da vida adulta da autora, convém retomar os seus dias enquanto Bitita, uma criança que fugia às normas de comportamento da sociedade em que estava inserida e que, por isso, teve um encontro revelador com o médico Eurípedes de Barsanulfo (1880-1918), médium e um dos maiores expoentes do espiritismo no Brasil. Neste encontro, importa ressaltar, estavam a pequena Carolina de Jesus e sua mãe, dona Cota, que buscava entender as razões por trás do comportamento questionador e inabitual da filha. O diagnóstico recebido foi decisivo. Para Barsanulfo era evidente: Bitita era poetisa.

Por não ser chamada pelo seu verdadeiro nome, Bitita o desconhecia. Apenas em 1921, ao ser chamada de Carolina Maria, na escola, ela pode o conhecer. Tendo frequentado não mais que dois anos do ensino primário, aprendeu a ler, a escrever e a socializar. A partir de seu contato com a educação formal, a escritora tomou gosto pelos estudos e, sobretudo, pelo universo das letras, como expressa em seu primeiro diário: “Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter” (DE JESUS, 2014, p. 16).

---

<sup>15</sup> *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), foi um sucesso nacional e internacional. Em apenas uma semana, a obra vendeu mais de 10 mil exemplares, sendo, posteriormente, traduzida para mais de 14 idiomas, entre eles o francês como *Le dépotoir: le journal intime de Carolina Maria de Jesus* (1962). Ademais, Carolina também publicou *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome e Provérbios*, ambos em 1963. Além das publicações póstumas: *Diário de Bitita* (1977), *Um Brasil para Brasileiros* (1982), *Meu estranho diário e Antologia pessoal* (1996), *Onde estaes Felicidade* (2014) *Meu sonho é escrever - Contos inéditos e outros escritos* (2018).



Antes de migrar para São Paulo, Carolina de Jesus se mudou algumas vezes de Sacramento com sua família para trabalhar em lavouras ou por questões médicas. Em 1932, apesar disso, retornou a sua cidade natal, onde foi presa duas vezes.

Na primeira vez, foi levada à prisão sob alegação de estar lendo um livro que continha rituais de ocultismo e exorcismo, o livro de São Cipriano, quando, na realidade, lia *Os Lusíadas* (1572), com auxílio do *Dicionário Prosódico de Portugal e Brazil* (1877). A segunda vez ocorreu quando foi acusada pelo roubo de uma quantia de aproximadamente 100 cruzeiros, sumida em uma igreja. Carolina de Jesus foi levada à prisão junto a sua mãe, onde sofreram agressões físicas e psicológicas, foram privadas de água e comida e obrigadas a capinar o terreno da delegacia. Ambas permaneceram presas até a retirada da queixa, quando o Padre encontrou o dinheiro perdido. Após esses acontecimentos, a escritora deixou Sacramento, iniciando a jornada que a levou até São Paulo, em 1937 (FARIAS, 2017).

Nesse trajeto, a escritora desempenhou diversas atividades para que pudesse sobreviver financeiramente. Limpou e cozinhou em inúmeras casas e, tempos depois, tornou-se catadora de papel sem que pudesse escolher, já quando residia na favela do Canindé, aproximadamente em 1948.

Contudo, sua relação com os papéis ia muito além de catá-los para vender. Afinal, quando seu *best seller* foi publicado, em 1960, ela já acumulava cerca de 20 anos de vida literária invisível, em que percorria jornais paulistanos e cariocas, e se apresentava como “poetisa negra”, oferecendo-se para entrevistas.

Apesar das constantes negativas, no dia 25 de fevereiro de 1940, o jornal *Folha da manhã* (SP) publicou, na página III do suplemento do jornal, uma matéria redigida por Willy Aureli (1898-1968), intitulada “Carolina Maria, poetiza preta”.

A matéria redigida por Aureli representa o que se considera, atualmente, como a primeira aparição na imprensa, enquanto sujeito-poeta, de Carolina de Jesus. Nessa ocorrência, a poetisa não apenas falou sobre sua relação com a escrita, como teve uma foto sua tirada ao lado do jornalista publicada na mesma página que seu poema “O colono e o fazendeiro”<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> O poema: Diz o brasileiro/ Que acabou a escravidão.../ Mas o colono sua o ano inteiro/ E nunca tem um tostão!/ Se o colono está doente/ É preciso trabalhar!/ Luta o pobre, no sol quente/ E nada tem para guardar.../ Cinco da madrugada:/ Toca o fiscal a corneta/ Despertando o camarada/ Pra ir fazer a colheita./ Chega à roça. O Sol nasce./ Cada um na sua linha/ Suando. E para comer?/ Só feijão e farinha.../ Nunca pode melhorar/ Esta negra situação./ Carne não pode comprar/ Pra não dever pro patrão!/ Fazendeiro ao fim do mês/ Dá um vale de cem réis./ Artigo que custa seis/ Vende ao colono por dez!/ Colono não tem futuro/ Trabalha todo o dia./ O pobre não tem seguro/ E nem aposentadoria.../ Ele perde a mocidade/ A

Outras publicações sobre Carolina de Jesus e seus poemas surgiram, mas nenhuma que desse o devido destaque à autora. Em 1960, é possível dizer que esse cenário mudou: a escritora se tornou um fenômeno antes mesmo do lançamento do seu livro.

– Maria Carolina de Jesus era uma humilde mãe de família moradora em uma das numerosas favelas de São Paulo, com seus filhos menores: João José, José Carlos e Vera Eunice. Mas a condição de miséria em que vivia não foi empecilho para que escrevesse aos pedaços as "suas memórias". Um dia um repórter encontrou Maria Carolina e suas obras na favela. Transformou-a em notícia para a cidade que compreendeu o valor da escritora da favela. O dia seguinte, na Livraria Francisco Alves - num epílogo feliz - rodeada de seus filhos de diversos jornalistas e escritores, Maria Carolina assinou o contrato de edição de sua primeira obra: "Quarto de Despejo - o diário de uma favelada". O livro - dizem os editores - será um sucesso e por certo possibilitará que a autora abandone o seu barraco na favela, seu antigo ofício de catar papéis na rua, e a tortura sofrida pela fome que havia feito perceber que "é horrível ter só ar dentro do estômago" - como afirma num trecho de seu livro (Correio Paulistano, 1960).

O conteúdo do diário, entretanto, desagradou a muitos. Por relatar suas vivências dentro e fora da favela, as citações de eventos e pessoas reais eram constantes ao longo das páginas escritas por Carolina de Jesus. Ainda que motivada a relatar os acontecimentos para poder modificá-los positivamente, muitos dos seus vizinhos não gostaram da publicação da obra e da exposição. Por consequência, ela e seus filhos tiveram que deixar às pressas a favela do Canindé, debaixo de pedradas e julgamentos, como destacado na matéria lançada pelo jornal Correio Paulistano (1960): "Carolina foi apedrejada pelos maus vizinhos à saída da favela".

Após isso, a poetisa mineira e seus filhos buscaram pertencer a outros espaços, mas foram sempre postos às margens em lugares sociais estigmatizados. Por isso, o sucesso da escritora durou pouco, e o rendimento financeiro que teve em sua época de destaque não foi suficiente para afastá-la novamente dos papéis em meio ao lixo.

A transição entre esses períodos não passou despercebida pela mídia, que substituiu as manchetes apelativas, como: "Favelada mineira no mundo das letras" (1960, Alterosa) por outras também apelativas: "A triste sina de Carolina" (1966, Folha de

---

vida inteira no mato/ E não tem sociedade!/ Onde está o seu sindicato?/ Ele passa o ano inteiro/ Trabalhando. Que "grandeza".../ Enriquece o fazendeiro/ E termina na pobreza!/ Se o fazendeiro falar:/ Não fique na minha fazenda/ Colono tem que mudar/ Pois há quem o defenda./ Trabalha o ano inteiro/ E no natal não tem abono/ Percebi que o fazendeiro/ Não dá valor ao colono./ O colono quer estudar/ Admira a sapiência do patrão/ Mas é um escravo, tem que estacionar/ Não pode dar margem à vocação./ A vida do colono brasileiro/ É pungente e deplorável/ Trabalha de janeiro a janeiro/ E vive sempre miserável./ O fazendeiro é rude como patrão/ Conserva o colono preso no mato/ É espoliado sem lei, sem proteção/ E ele visa o lucro imediato./ O colono é obrigado a produzir/ E trabalha diariamente/ Quando o coitado sucumbir/ É sepultado como indigente. (JESUS, 1996, p. 75)

Nanuque: um jornal a serviço da região). Via-se, nessa época, uma autora transtornada e esquecida buscando se estabelecer longe da miséria.

A morte de Carolina de Jesus se deu, então, em meio ao esquecimento. No dia 13 de fevereiro de 1977, a poetisa negra faleceu nos braços de sua nora durante uma crise asmática, a caminho do hospital. Conceição Evaristo interpreta a morte da autora estabelecendo uma relação com seus anos finais: silenciada e sufocada com suas palavras; sufocamento este muito conhecido pelos negros (Nação TVE, 2015).

### 3.2 *Mam'Ega: Celle qui dit non à l'ombre*

Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus. Eu também me chamo Marie, como você, e Marcelle, como Pagnol. Moro muito perto do povoado dele, nunca o li, mas o escutei no rádio com paixão. Também me chamo Françoise e, por fim, Vittalline, como ninguém mais<sup>17</sup> (EGA, p. 7, 2021).

Françoise Ega nasceu em 11 de novembro 1920, em *Le Morne-Rouge*, uma pequena cidade da Martinica. Ainda na infância, seu pai, Claude Eugène Josué Modock, um guarda florestal, morreu e, por isso, Ega cresceu ao lado de seus irmãos e da mãe, Sixte Marie Olive Déhe Partelum, que era costureira. Durante o seu desenvolvimento, vivenciou as circunstâncias da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que influenciaram o seu destino (CARNEIRO e MACHADO, 2021).

Primeiro, a obediência das colônias ultramarinas ao marechal Pétain após a ocupação da França pelos nazistas; depois, o desembarque aliado no norte da África, em novembro de 1942, e a consequente insubordinação das Antilhas ao regime de Vichy; por fim, os jovens se acotovelando nos locais de alistamento para defender a Mãe Pátria junto às forças aliadas. Muitos partem da terra natal, transtornando o cotidiano dos habitantes e maculando o imaginário coletivo (CARNEIRO e MACHADO, 2021, p. 237).

Assim sendo, Ega migrou para a França, mas, antes disso, concluiu o ensino médio e um curso de datilografia (CARNEIRO e MACHADO, 2021). Em 1946, já na França metropolitana, casou-se com um militar de origem antilhana, cujo nome era Frantz Julien Ega (1919-2021). Devido à profissão do marido, Françoise Ega o acompanhou nas viagens a serviço do exército pela Costa do Marfim, Senegal e Madagascar e, somente em meados de 1950, eles passaram a residir em Marselha, cidade portuária do sul da

---

<sup>17</sup> Em francês: « Je crois que c'est ce qui me rapproche de toi, Carolina Maria de Jésus. Moi aussi, je m'appelle Marie comme toi, Marcelle, comme Pagnol. J'habite tout près de son patelin, je ne l'ai jamais lu, mais je l'ai écouté passionnément à la radio, – Françoise aussi, enfin Vittalline, comme personne » (EGA, 1978, p. 11).

França (SIQUEIRA e LUCENA, 2020). Nesse período, a escritora se tornou membro fundadora da associação Antilhas-Guianas (ASCAG) da cidade.

Apesar de possuir um currículo com ensino médio completo e um curso técnico, os empregos destinados às antilhanas em Marselha eram apenas serviços domésticos. Sem alternativas de trabalho, Ega passou, então, a trabalhar como faxineira. Desse ponto em diante, começou a registrar em seus cadernos tal rotina: “Se ficar em casa, jamais poderei ver até onde a estupidez humana pode ir” (EGA, 2021, p. 11).

A consciência dos papéis sociais que ocupava enquanto mulher, mãe, trabalhadora doméstica e, sobretudo, enquanto uma pessoa negra, impulsionou Ega a um caminho de observação, mas, acima de tudo, de reação aos preconceitos de raça, classe e gênero.

(...) era Mam'Ega (apelido vindo de Madame Ega) que assumia a responsabilidade de escrever ao prefeito da cidade exigindo a criação de um centro cultural para o bairro e que o trajeto do ônibus passasse nas periferias. Sabendo da importância de uma ação política para sua família e a comunidade que crescia ao seu redor, Ega se identifica como militante de esquerda e funda a primeira associação de imigrantes antilho-guianeses de Marselha: a AMITAG (L'Amicale des travailleurs antillais et guyanais). Funda também a associação cultural e esportiva antilho-guianense ACSAG (L'Association culturelle et sportive antillo-guyanaise), com a intenção de favorecer a participação dos imigrantes nas atividades culturais da cidade. Além disso, como traz em algumas passagens do seu livro *Lettres à une noire* (1978), Françoise não hesitava em ajudar os imigrantes da Martinica e de Guadalupe com tarefas administrativas e burocráticas relativas a suas instalações e remunerações na França metropolitana. Muitas vezes também ajudava na alfabetização dos imigrantes que chegavam à França. Além de todo seu engajamento político, Ega era leitora assídua principalmente de escritores norte-americanos negros e participava do clube de poetas de Marselha (SIQUEIRA E LUCENA, 2020, p. 60).

Como uma das pioneiras da literatura caribenha de língua francesa, a autora teve sua obra epistolar *Lettres à une noire* traduzida para o português como *Cartas a uma negra* somente em 2021<sup>18</sup>. Segundo os filhos da autora, Jean-Marc e Jean-Pierre, a obra foi escrita entre os anos de 1962 e 1964, pouco depois de Ega ter começado a escrever *Le Temps de Madras*, outra publicação póstuma da autora, que foi iniciada em torno de 1960.

Em 1962, então, Mam'Ega conheceu a história de Carolina de Jesus. Com uma *Paris Match* em mãos, cujo título “*Ela escreveu um best seller com papel encontrado em lixeiras*”<sup>19</sup> e fotografias diversas anunciavam a história da autora brasileira.

Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou ao luxo de comprar

---

<sup>18</sup> O livro foi publicado pela editora Todavia e traduzido por Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty.

<sup>19</sup> Em francês: « *Elle a écrit un best-seller sur du papier ramassé dans les poubelles.* »

a revista *Paris Match*; atualmente, ela fala muito dos negros<sup>20</sup> (EGA, 2021, p. 6).

A conexão entre Carolina de Jesus e Françoise Ega é trágica, uma vez que elas estão relacionadas pelo racismo, pelo machismo, pela pobreza e pelas questões geradas a partir deles e, também, pela urgência da escrita, que surge, para elas, como forma de sobrevivência (CARNEIRO e MACHADO, 2021). O que emerge a partir disso, contudo, não é trágico. A prova é que, ao descobrir Carolina de Jesus, cuja obra foi acessada de maneira condensada – como uma “leitura não leitura”<sup>21</sup> (CARNEIRO e MACHADO, 2021) – a autora martinicana pode se visualizar como, de fato, uma escritora. O que era distante tornou-se, então, uma esperança; assim, Ega registrou seus dias e expôs, tal como o fez sua correspondente brasileira, a realidade em que estava inserida.

Mam’Ega viveu uma vida voltada às causas sociais. Como mulher negra e mãe, dedicou-se a criar espaços de pertencimento para as futuras gerações. Envolveu-se ativamente política, social, sindical, cultural e religiosamente nos projetos e obras da cidade. Por isso, após a morte prematura de Françoise Ega, em 7 de março de 1976, a população local afirma: “*Mam’Ega morreu, mas seu espírito assopra ainda hoje em Marselha*”<sup>22</sup>,

---

<sup>20</sup> Em francês: « Je t’ai découverte, Carolina, dans l’autobus, je mets vingt-cinq minutes pour arriver chez Madame. J’estime que c’est une perte de temps de baguenauder dans le car. Je me paie le luxe, chaque semaine, d’acheter Match; en ce moment, il s’occupe beaucoup de gens de couleur » (EGA, 178, p. 10).

<sup>21</sup> Carneiro e Machado (2021) expõem acerca da temática: “Mámega pratica aquilo que Pierre Bayard nomeia provocativamente, em *Como falar dos livros que não lemos* (2007), como uma leitura “não leitura”, pois o processo de ler para Mámega não envolve somente a leitura completa de um texto, linha por linha (...) Lemos livros, e lemos muitos, por outros caminhos: através de fragmentos escolhidos ao acaso, de capítulos relevantes para a nossa pesquisa ou de trechos citados, folheando uma publicação que nos interessa ou até mesmo ouvindo falar de uma obra (...)” (CARNEIRO E MACHADO, 2021, p. 249-250)

<sup>22</sup> Em francês: « *Mam’ega est morte, mais son esprit souffle encore aujourd’hui sur Marseille...* »

#### 4. ESTRELAS ALÉM DO TEMPO

Ao falar em opressão de gênero, seria razoável supor que mulheres negras e brancas estão sujeitas às mesmas sequelas sexistas? Seria admissível, pois, dizer que mulheres negras e brancas lutam em paridade pelos mesmos objetivos?

Em *Mexeu com uma, mexeu com todas* (2017), texto cujo título faz referência à articulação de feministas brasileiras em denúncia ao assédio sexual sofrido por mulheres no ambiente de trabalho, Djamila Ribeiro faz menção às contradições que o debate antissexista suscita ao desconsiderar o aspecto “raça” da discussão. Como questiona a autora de *Pequeno manual antirracista* (2017): “(...) quando dizemos “mexeu com uma, mexeu com todas”, estamos de fato nos referindo a todas ou à categoria que se pretende universal?” (RIBEIRO, 2017, p. 2).

Em *Lettres à une noire*, Ega destaca, especialmente, as observações cotidianas acerca do racismo nada sutil da sociedade em que vivia. Ao conhecer uma “mocinha de sua raça” (EGA, 2021) em situação trabalhista análoga à escravidão, a autora se dedica a orientá-la a exigir seus direitos e a reivindicar sua liberdade. Assim sendo, a partir da leitura do diálogo de 24 de junho de 1962 reproduzido pela escritora, torna-se possível, a partir de uma contextualização linguística, reconhecer as formas díspares de tratamento dispensadas às mulheres negras por parte das mulheres brancas.

– Yolande! O que a **senhora** está fazendo aí?  
Nunca a tratei por “**você**” porque queria conscientizá-la de quem ela era. Na casa onde trabalha, todo mundo fala com ela por meio de gírias e a trata por “**você**”, até a menina de sete anos, até a avó velhinha<sup>23</sup> (EGA, 2021, p. 15).

Em português, convém destacar a alternância entre as formas “você” e “senhora” não sugere, necessariamente, a ausência de respeito em um diálogo. No francês – língua em que a obra foi originalmente escrita –, entretanto, a utilização dos pronomes de tratamento “tu” (você) ao invés de “vous” (senhora, nesse caso) em um contexto profissional e entre pessoas de diferentes idades, evidencia a ausência de zelo no tratamento com Yolande e o fato de que certas opressões não são nomeadas. Quanto a isso, Ribeiro (2017) afirma: “Como as feministas negras historicamente têm nos ensinado, é necessário nomear as opressões, entender que mulheres partem de diferentes pontos de partida e que existem variadas possibilidades de ser mulher” (p. 2).

---

<sup>23</sup> Em francês: « – Yolande! que faites-vous là? Je ne l’ai jamais tutoyée pour lui faire prendre conscience de sa personnalité. Tout le monde, chez ses employeurs, lui parle en jargon et la tutoie, même la petite fille de sept ans, même la vieille grand’mère » (EGA, 1978, p. 18)

Na obra cinematográfica *Estrelas além do tempo* (2017), dirigida por Theodore Melfi, desenvolve-se uma narrativa que privilegia o olhar para a vivência de três cientistas negras que trabalham como “computadores” da NASA: Katherine Johnson, Dorothy Vaughn e Mary Jackson, interpretadas, respectivamente, por Taraji P. Henson, Octavia Spencer e Janelle Monáe.

O objetivo da atividade desenvolvida pelas intelectuais, tensionado pelo momento de maior acirramento das disputas entre Rússia e Estados Unidos no período da Guerra Fria, é contribuir com a demonstração de poder e superioridade tecnológica por parte dos EUA com a tentativa de levar o primeiro homem ao espaço.

Apesar da função realizada pelas personagens ser de extrema importância, elas estão às margens da visibilidade dos postos que ocupam, em uma pequena sala de trabalho, acumuladas com outras mulheres que, como elas, estão sujeitas à posição de subalternidade que o preconceito racial ocasiona. Assim, as mulheres brancas também funcionárias da NASA não apenas não sofrem com as mesmas questões, como também reproduzem padrões comuns ao comportamento racista.

Importa, nesse sentido, reafirmar a importância da atuação das escritoras e das obras aqui analisadas, visto que a existência da violência contra sujeitos negros não apenas os impede de falar, bem como, quando eles dizem algo, silencia suas vozes. Por isso, Carolina de Jesus e Françoise Ega são figuras que marcaram suas épocas, resignificando a ideia de quem pode, afinal, ocupar espaços de enunciação.

Nessa perspectiva, uma das últimas cenas de *Estrelas além do tempo*, possibilita a visualização de uma fotografia marcante: o momento em que, sendo a única mulher negra presente em uma sala repleta de homens brancos, Johnson toma a palavra e o giz, põe-se à frente do quadro de anotações e assume, com isso, a possibilidade de enunciar um saber.

Das mãos que majoritariamente detêm o conhecimento às mãos negras que suportam a possibilidade dessa produção, o caminho é longo. Carolina de Jesus o sabia e, com papéis e canetas retirados do lixo, reivindicou o direito de contar a própria história, tal como o fez depois dela Françoise Ega que, em condições materiais melhores, explorou as possibilidades de narrar a si como forma de proporcionar a outras mulheres negras condições melhores de vida.

### 3.1 Literaturas de testemunho em foco

As obras *Quarto de despejo* (1960) e *Lettres à une noire* (1978), marcantes testemunhos de suas épocas, têm ganhado espaço como objeto de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. No âmbito da literatura, é comum o encontro com leituras que as compreendem como “literatura de testemunho”. Segundo a pesquisadora Carolina Maciel (2016), essa possibilidade literária pode ser entendida como “uma forma de recriação de mundos baseados em experiências memorialísticas de sujeitos que testemunharam, de alguma forma, um evento histórico” (p. 75). Por eventos históricos, cita-se aqueles de sobreviventes de holocaustos ou outras formas de genocídio, bem como coibições e agressões que violam os direitos humanos (MACIEL, 2016).

No artigo *Do silêncio à denúncia, da denúncia ao testemunho, do testemunho à criação: caminhos de análise* (2018), Maria Lúcia Afonso expõe que a literatura de testemunho:

(...) vai além da simples quebra do silêncio, vai além da denúncia, ou da queixa catártica. É um modo de expressão que começa a criar memória, valores, outros pontos de vista. Uma criação que confronta uma realidade por mais absurda que seja. Romper o silêncio é um primeiro passo. Porém, a partir daí, o que dizer? Denunciar é preciso. Entretanto, denunciar não basta. É preciso reafirmar o ser, a identidade, a subjetividade que almeja ter voz, criar, criar-se (AFONSO, 2018, p.14).

Em vista disso, as narrativas das autoras brasileira e martinicana evidenciam alguns aspectos abordados por Afonso (2018): são, então, textos com marcas de oralidade, que recorrem a construções variacionais e até mesmo que incorrem em desvios da gramática normativa – e que por isso são alvo de deslegitimação (CARNEIRO E MACHADO, 2021).

Cabe pensar, portanto, quais seriam – ou de quem seriam – as literaturas de testemunho aceitas como, de fato, literatura. Essa discussão bem se exemplifica com a fala do professor Ivan Cavalcanti Proença, em 2017, no evento de homenagem a Carolina de Jesus pela Academia Carioca de Letras:

Só tem uma coisa, **isso não é literatura**. Isso pode ser um diário e há inclusive o gênero, mas, definitivamente, isso não é literatura. Cheia de períodos curtos e pobres, Carolina, sem ser imagética, semianalfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, por isso esses períodos curtos (PROENÇA, 2017). Grifos meus.

A delimitação do que é e o que não é literatura não é uma discussão antiga. Comumente, enquadram-se ao cerne do campo literário produções que correspondem aos



padrões das letras brancas e, com isso, é evidente, excluem-se outras possibilidades de escrita, que, diga-se de passagem, habitam quase sempre, como bem define a autora mineira, o “quarto de despejo”.

Ao justificar-se com os argumentos de que Carolina não é imagética, que é incapaz de produzir orações subordinadas e semianalfabeta, Proença (2017) não surpreende ao enunciar noções comuns ao seu lugar de fala enquanto um homem branco. Contudo, o professor não pode sustentar tais alegações, visto que uma leitura atenta ao diário fornece, por si só, elementos que contradizem seu discurso. Para Carolina de Jesus, o que importava era o fato de que, como poetisa, precisava lutar pelos seus semelhantes: “(...) o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (DE JESUS, 2014, p. 39).

Tirloni e Marinho (2014), nesse sentido, afirmam que

a estrutura fragmentada do diário de Carolina, marcada por frases curtas e paratáticas, por sínopes e elipses, contribui para reforçar a expressão poética de uma existência fragmentária, interrompida, feita de fatos que se empilham aleatoriamente e se descartam displicentemente como objetos de despejo. Em construções estilísticas (TIRLONI E MARINHO, 2014, p. 263).

Seguindo esse prisma e retomando ao que expõe Afonso (2018), importa lembrar que o conteúdo das obras aqui analisadas é essencialmente voltado ao enfrentamento das opressões de gênero, raça e classe. Assim sendo, as autoras tinham como objetivo observar e relatar as situações de prejuízo na vivência dos menos privilegiados. No dia 5 de junho de 1958, então, Carolina de Jesus escreveu:

Mas eu já observei os nossos politicos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatorio, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. **E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo** (DE JESUS, 2014, p. 53). Grifos meus.

Nos trechos em destaque, evidenciam-se as afirmações de Carolina de Jesus sobre os poetas: há, entre eles, os que são “poetas de salão” e os “poetas do lixo”. Apesar de classificá-los dessa maneira, destaca-se que a autora mineira não fez juízo de valor a respeito deles. Para ela, importa lembrar da existência do segundo grupo, dos que são, como ela, “idealistas das favelas” (DE JESUS, 2014, p. 53).

Como alguém que denuncia as tragédias causadas pelos políticos e que gera, com isso, uma perturbação na mecânica das opressões silenciosas, Carolina de Jesus rompe o silêncio e denuncia o que vai mal na sociedade, como citado por Afonso (2018).

Françoise Ega, por sua vez, expõe-se aos trabalhos destinados às mulheres negras

– sobretudo as das Antilhas – imigrantes na França. Ao conhecer a história da autora brasileira e nela reconhecer-se, passa a escrever cartas destinadas a Carolina de Jesus relatando o seu cotidiano. Ressalta, ainda, a necessidade de estar na rua, enfrentando esses serviços: “Se ficar em casa jamais poderei ver até onde a estupidez humana pode ir<sup>24</sup>” (EGA, 2021, p. 11).

Suas denúncias, marcadas por reflexões sobre as posições sociais que ocupa, evidenciam o desejo de estar além dos papéis pré-determinados pelo preconceito, como expõe: “(...) As que, como eu e você, não conhecem nada além de um futuro incerto, mas que são livres, que têm a possibilidade de se rebelar, de recusar a condição de escrava, são abençoadas<sup>25</sup>” (EGA, 2021, p. 10-11).

Por fim, Afonso (2018) diz que é preciso “reafirmar o ser, a identidade”, o que as intelectuais fazem com êxito. Na qualidade do que é idêntico, enquanto mulheres negras, ambas sabem que o aspecto “raça” é indissociável de suas vivências. Nesse sentido, Ega declara: “Tenho fé na minha raça, acredito que nunca estão sozinhos, nunca estarão<sup>26</sup>” (EGA, 2021, p. 17).

Ao pesquisar obras testemunhais, uma urgente e complexa necessidade se impõe: às vezes, para tratar do que é literário, torna-se primordial tratar, paralelamente, de aspectos externos às obras, de caráter ocasionalmente social e político, que protagonizam discussões muitas vezes em aberto. Nessa perspectiva, é preciso renunciar a alguns saberes pretensiosamente repassados e enunciar verdades por vezes ocultas.

Como herança dos processos colonizatórios, o racismo persiste. A agressão racista, cabe dizer, é também uma forma de exploração – comercial ou sexual – cujo intuito maior é a morte do outro (CASTORIADIS, 1990).

Em *Da cor ao corpo: a violência do racismo*, prefácio elaborado para a edição original de 1983 de *Tornar-se negro*, o psiquiatra e psicanalista Jurandir Freire Costa avalia que: “(...) a violência racista do branco é exercida, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro (2021, p. 25)”. Logo,

---

<sup>24</sup> Em francês: « Si je reste chez moi, je ne pourrai jamais voir jusqu’où peut aller la bêtise humaine » (EGA, 1978, p. 14).

<sup>25</sup> Em francês: « Celles qui comme toi et moi ne connaissent que des lendemains incertains, mais possèdent la liberté, la possibilité de se rebiffer, de refuser la condition d’esclave, sont des bienheureuses » (EGA, 1978, p. 14).

<sup>26</sup> Em francês: « J’ai la foi de ma race, je crois qu’ils ne sont jamais seuls, ils ne seront jamais » (EGA, 1978, p. 20).

(...) se do ponto de vista dos interesses econômicos e políticos o oprimido deve manter-se vivo para servir ao opressor, então se deve matar nele tudo o que for possível: sua identidade, sua cultura, sua linguagem, seus vínculos, sua criatividade, sua história (ANDRADE, 2018, p. 12).

Um relato de Françoise Ega, datado em 8 de julho de 1962, demonstra a expectativa do sujeito branco – e nesse caso europeu – em relação ao sujeito negro:

Ao sair do elevador, a voz do patrão me tirou de transe; ele dizia à esposa: “Admita que eu tirei a sorte grande, não sempre que você tem uma faxineira assim. Não é sempre que eu a vejo na labuta, mas ela dá duro mesmo!”  
A senhora replicou:  
**“Essas mulheres têm isso no sangue!”**<sup>27</sup> (EGA, 2021, p. 20). Grifos meus.

Na perspectiva do sujeito branco racista, o sujeito negro está em posição de subalternidade, desempenhando, na maioria das vezes, papéis sociais animalizados ou de crianças mal adaptadas à vida em sociedade. Devido a isso, são qualidades das literaturas de testemunho “o registro feito em primeira pessoa, o desejo de justiça, a apresentação de um evento coletivo, a presença do trauma, o vínculo estreito com a história e o sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas” (LANA e RIBEIRO, 2018, p. 166).

Supor que “está no sangue” de mulheres negras a eficiência em trabalhos braçais é comum à ideia que desumaniza sujeitos negros, sob um falso elogio, e que os põe sempre em condições que exigem esforço físico, não intelectual. Ao ouvir tal diálogo, a correspondente martinicana relata à autora brasileira que, pelo menos e, finalmente, “esse é um depoimento que não fala de negros cochilando<sup>28</sup>” (EGA, 2021, p. 20).

Nesse viés, ambas escrevem em combate aos estereótipos racistas: “(...) aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros (...)” (DE JESUS, 2014, p. 36).

Em retorno ao que mostram as psicólogas Lana e Ribeiro (2018), destaca-se o dia 21 de maio de 1958, em que Carolina de Jesus refletiu sobre uma noite de sono e, posteriormente, discorreu sobre o seu dia:

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela

---

<sup>27</sup> Em francês: « En sortant de l’ascenseur, la voix de Monsieur me tira de mon état second; il disait à sa femme:

– Avoue que j’ai eu la main heureuse, ce n’est pas souvent que tu a eu une telle femme de ménage? Ce n’est pas souvent que je la vois à l’œuvre, mais elle en met un coup!

Madame répliqua:

– Elles ont cela dans le sang, ces femmes-là! »

<sup>28</sup> « (...) un témoignage où il n’est pas question de nègres roupillant (...) »

vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do rio Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que tinha (DE JESUS, 2014, p. 39).

Em oposição ao mundo dos sonhos, a realidade amarga em que vive Carolina de Jesus se torna mais evidente:

(...) Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer (...). Havia um pretinho bonitinho (...). E ele escolhia os pedaços: Disse-me: - Leva, Carolina. Dá pra comer. Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruidos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz tão fértil igual ao meu. Revoltei contra o Serviço Social que diz ter sido criado para ajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existencia infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela. No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome (...)

De 1960 aos dias de hoje, as coisas não mudaram muito: infelizmente, a procura por alimentos no lixo ainda é uma realidade. De 2020 a 2022 – período da pandemia de COVID-19 –, cabe lembrar, o país voltou a se destacar no Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas segundo a Agência Senado (2022).

Frequentemente, como expõe Carolina de Jesus, há a ocorrência de alguma morte que, por ser de alguém considerado marginal, não causa comoção e muito menos gera mudanças estruturais. E, mesmo habitando em um país fértil, como caracteriza a escritora, as práticas do serviço social são insuficientes e muitas vezes voltadas ao mero assistencialismo. Ribeiro e Lana (2018) expõem, então, que “a fome e a favela estão em íntima relação, fornecendo-nos um duro retrato da situação social que ainda marca o Brasil” (2018, p. 162).

As últimas palavras escritas no diário em relação a esse dia são:

(...) **Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro.** Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes eletricos. (...) Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiencia no Serviço social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. (DE JESUS, 2014, p. 40-41) Grifos meus.

Da fome à moradia na favela, uma outra temática bastante comum na obra da literata brasileira é a maternidade, assim como o é também na obra de Ega. Não obstante, o modo que a maternidade se impõe entre elas se difere em níveis e aspectos consideráveis.

Vão nesse sentido as primeiras palavras de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960): “Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos” (DE JESUS, 2014, p. 11). Indissociáveis, as condições precárias de vida e a relação com os filhos se impõem na vida de Carolina de Jesus de modo a trazer frustração e ressaltar a impotência dela frente ao modelo de vida a que está submetida.

Entende-se por mãe solo aquela que assume todas as responsabilidades afetivas e financeiras da prole. A poetisa mineira, convém dizer, encontrou-se nessa condição desde o primeiro filho, e como padrão comum a essas mulheres, ela sofria, constantemente, pela infelicidade de não poder proporcionar aos filhos condições melhores de vida; queria, pois, oferecer a eles uma moradia melhor e afastada dos maus vizinhos, como expõe:

A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um nucleo mais decente (DE JESUS, 2014, p. 14).

Mormente, deseja oferecer às crianças uma vida cuja alimentação diária e de qualidade fosse regra, não exceção. No diário, a fome é, também, uma personagem. Por vezes, a protagonista diz: “Ontem comemos mal. E hoje pior.” (DE JESUS, 2014, p. 120).

A maternidade para Mam’Ega, porém, é menos solitária. Casada com o pai dos seus filhos, Ega tem a possibilidade de ofertar aos filhos experiências que vão além do suprimento das necessidades básicas: “as crianças voltaram à escola; elas ainda estão na excitação do início das aulas: novas mochilas e aventais, calçados brilhantes, novas professoras, toda a felicidade que lhes é característica e que forjamos com o nosso suor<sup>29</sup>” (EGA, 2021, p. 33).

Há de se destacar, todavia, que mesmo em situação desfavorável, Carolina de Jesus assumia a educação dos filhos como prioridade. Assim, ela os estimulava como podia e se esforçava para que eles estivessem sempre presentes em ambientes de educação formal:

---

<sup>29</sup> Em francês: « Les enfants sont rentrés de l’école; ils sont encore dans l’effervescence de la rentrée: sacs et tabliers neufs, souliers brillants, nouvelles maîtresses, tout le bonheur qui leur est propre et que nous leur forgeons avec notre sueur » (EGA, 1978, p. 36).

Fui buscar água e fiz café. Não comprei pão. Não tinha dinheiro. Eu ia levar os filhos, vi uma menina que ia na aula, perguntei-lhe se ia ter aula. Disse-me que sim. Eu vesti o José Carlos, e o João foi do jeito que estava. Prometi-lhe levar um lanche (...) (DE JESUS, 2014, p. 117).

Frente à realidade conturbada que vivia a literata brasileira, a autora martinicana questionava a correspondente: “Como você conseguia segurar um lápis com a criançada à sua volta?<sup>30</sup>” (EGA, 2014, p. 7).

Para os meus filhos, sumir com um lápis é normal, sempre tem o da mãe ao alcance. Somente uma coisa os faz parar: quando digo que temos em casa apenas o dinheiro do pão, eles evitam, por um breve período, perder seus materiais. É sempre a mesma coisa, não importa o que estejam fazendo. Só me resta esperar para ver quem aparecerá primeiro com os sapatos furados depois de jogar futebol. Meu marido diz: “O importante é o pão de cada dia, o resto a gente dá um jeito”. Acho, Carolina, que você conhece essas palavras. Na favela, você nunca foi capaz de pensar em nada além do pão de cada dia. Penso que é isso que me aproxima de você, Carolina Maria de Jesus<sup>31</sup> (EGA, 2021, p. 7).

Ainda sobre Ega, uma parte de sua vivência que se contrapõe a experiência de Carolina de Jesus, é a relação que tem com sua casa:

O meu momento de desforra é pegar o caminho mais longo de volta para casa: a subida até o meu subúrbio, dez quilômetros de estrada a percorrer, passando por canteiros floridos. Volto para casa feliz, mas feliz de verdade, muito mais do que se tivesse ficado um dia inteiro ralando em um ateliê de costura. As poucas horas que passo na rua me fazem apreciar onde vivo, e fico contente em retornar! (...) Apesar do cansaço, aproveito o sol, perto de uma janela, depois de ter cozinhado para a família, e penso em você. Consigo vê-la, um lenço na cabeça prendendo os cabelos, pregando as tábuas do seu barraco, e fico motivada. As crianças continuam a surrupiar meus lápis, mas o livro está avançando<sup>32</sup> (EGA, 2021, p. 13-14).

Diante das condições precárias em que vivia na favela do Canindé, Carolina de Jesus não entendia onde morava como um lar, sendo assim, distinguia: “(...) cheguei na

---

<sup>30</sup> Em francês: « Comment arrivais-tu à conserver un crayon avec ta marmaille? »

<sup>31</sup> Em francês: « Pour les miens, un crayon perdu est une chose naturelle, il y a toujours celui de maman à leur portée. Il n’y a qu’une chose qui les arrête, c’est lorsque je leur dis qu’il n’y a plus que l’argent du pain à la maison, alors ils s’abstiennent pour un moment de perdre leurs outils. Il en est ainsi dans tous les domaines, et c’est à qui rapportera le plus vite des chaussures ouvertes lors des matches de foot. Mon homme dit: « Pourvu qu’il y ait le pain de chaque jour, le reste viendra après. » Je crois, Carolina, que tu connais ces paroles. Dans ta favella, tu n’as jamais pu penser à autre chose qu’au pain de chaque jour. Je crois que c’est ce qui me rapproche de toi, Carolina Maria de Jésus »

<sup>32</sup> Em francês: « J’ai une revanche, je prends le chemin des écoliers pour rentrer chez moi. La montée jusque dans ma banlieue, avec dix kilomètres de route à franchir, traversant des coins fleuris. Je rentre chez moi et je me sens heureuse, mais heureuse, beaucoup plus si j’étais restée toute une journée à travailler à quelque pauvre ouvrage de couture et de repassage. Les quelques heures que je passe au dehors me font apprécier mon logis, et je suis contente de rentrer! (...) Malgré ma fatigue, je m’installe au soleil, près d’une fenêtre, après avoir fait manger la maisonnée, et je pense à toi. Je te vois, un fichu retenant tes cheveux, clouant les planches de ta case, et je suis stimulée » (EGA, 1978, p. 16-17)

favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão” (DE JESUS, 2014, p. 47).

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortavel, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar sempre suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (DE JESUS, 2014, p. 22)

Pelo fato de não ser casada, declarou no dia 18 de julho de 1955: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (DE JESUS, 2014, p. 17).

Por mais imperativas que sejam algumas questões de gênero, classe e raça na vivência das autoras, evidencia-se aqui, por meio da comparação dos relatos, que as questões sociais, temporais, geográficas e políticas influenciam notavelmente no modo como tais aspectos afetam o modo como os sujeitos existem.

## 5. REFLEXÕES FINAIS

À medida que nos aproximamos dos registros das autoras por meio das transcrições e comparações aqui expostas, somos apresentados a realidades que se distinguem em diversos aspectos, essencialmente materiais. Mas, ainda assim, há, entre elas, algo que as conecta.

O que é preciso, pois, para que alguém se sinta impulsionado a escrever cartas a um desconhecido? Quem, afinal, precisa ser esse desconhecido? Sobretudo, o que ele precisa ter ou fazer? São perguntas simples, mas elementares para a compreensão da questão que finalmente se impõe: quais são os efeitos da colonização na escrita dessas autoras que, geograficamente tão distantes, pareciam, na verdade, viver tão próximas?

Em um mundo branco e masculino, Carolina de Jesus e Françoise Ega foram o oposto disso simultaneamente. Nas lutas políticas, entre direita e esquerda, parafraseando Sueli Carneiro, elas foram e continuam sendo mulheres pretas. Em discussões feministas – de que sequer eram convidadas a participar –, continuavam pretas, habitando esse corpo-lugar tão esquecido e apagado. Como disse a autora brasileira: “Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (JESUS, 2014, p. 160).

Assim sendo, é preciso assumir que classe e gênero integram papéis centrais que assemelham as escritoras. Ademais, a maternidade é também um elo entre elas. Mas a negritude, enquanto uma corrente literária de valorização da cultura negra, tal como proposto por Césaire (1939), é o que faz Brasil e França estreitarem-se.

Nesse sentido, convém rememorar que falar de negritude não é, necessariamente, falar de racismo. Mas tratar de racismo, nessas circunstâncias, é, sim, citar a negritude, que tem, diariamente, corpo e direitos violados. Nessa perspectiva, ser negro representa “ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais do ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (COSTA, 2021, p. 25)

Dessa forma, o racismo é, definitivamente, uma questão cuja resolução é obrigação daqueles que desfrutaram – e ainda desfrutam – dos privilégios oriundos da colonização. Silva (2021) afirma: “(...) enquanto a branquitude mantiver seus privilégios, invisibilizando tudo o que não é branco, também ela perde, não alargando seus horizontes” (SILVA, 2021, p. 19).



Assim sendo, o contato com as obras nos faz ler e levantar a cabeça<sup>33</sup>, num afluxo de ideias e interpretações que nos levam, inevitavelmente, aos conhecidos – mas muitas vezes negados – processos coloniais e escravizatórios. São as palavras de dor de Carolina de Jesus – “(...) Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E a minha revolta é justa” (DE JESUS, 2014, p. 35) – e a identificação de Françoise Ega – “(...) tudo o que você escreveu, eu conheço” (EGA, 2021, p. 5) – que nos apontam o necessário para constatarmos o que Césaire (1955) muito bem equacionou: “colonização = coisificação”.

Nas palavras de Audre Lorde:

E quando nós falamos  
temos medo que nossas palavras nunca serão ouvidas  
nem bem-vindas  
mas quando estamos em silêncio  
nós ainda temos medo  
então é melhor falar  
tendo em mente que  
não éramos supostas sobreviver  
(LORDE in *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*)

Ega, certa vez, escreveu a Carolina de Jesus dizendo-lhe que o futuro, para elas, é uma questão da ordem do dia (EGA, 2021). Lutar pelo reconhecimento de produções literárias de sujeitos negros é, então, nossa urgência do agora.

---

<sup>33</sup> Referência ao texto de Roland Barthes *Le bruissement de la langue* (1984).

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURELI, Willy. Carolina Maria, poetiza preta. *Folha da manhã*. São Paulo, Suplemento, p. III. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fdm/1940/02/25/1/>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.

BARTHES, Roland. *Bruissement de la langue (Le): Essais critiques 4*. Paris: Ed. Seuil, 1984.

BELO, Fábio (Org.). *Psicanálise e racismo: interpretações a partir de Quarto de despejo*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Relicário, 2018. 280 p.

Carolina foi apedrejada pelos maus vizinhos à saída da favela. *Correio Paulistano*. São Paulo, nº 32.034. Ano 107. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_11&pesq=carolina%20de%20jesus&hf=memoria.bn.br&pagfis=3576](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq=carolina%20de%20jesus&hf=memoria.bn.br&pagfis=3576)>. Acesso em: 21/10/2022.

Carolina Maria de Jesus (escritora favelada) autografou muitos de seu “Quarto de despejo”. *Correio Paulistano*. São Paulo, nº 32.358. Ano 108. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972\\_11&pasta=ano%20196&pesq=favelada%20Carolina&pagfis=9200](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_11&pasta=ano%20196&pesq=favelada%20Carolina&pagfis=9200)>. Acesso em: 21/10/2022.

CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme*. 4ª Ed. Paris: Présence Africaine, 1955. 136 p.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Claudio Willer. 1ª Ed. São Paulo: Veneta, 2020. 136 p.

CIVILIZAR. In: DICIO: Dicionário Online de Português. 7GRAUS, 2009 - 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/civilizar/>>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

CORNELIUS, Castoriadis. *Reflections sur le racisme in Monde morcelé (Le): Carrefours du labyrinthe*, t. 03. Paris: Ed. Seuil.

Da favela para a literatura. *Correio Paulistano*. São Paulo, nº 31.934. Ano 106. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_11&pesq=carolina%20de%20jesus&hf=memoria.bn.br&pagfis=1866](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_11&pesq=carolina%20de%20jesus&hf=memoria.bn.br&pagfis=1866)>. Acesso em: 22/10/2022.

DE JESUS, Carolina Maria. *Le Dépotoir*. Tradução Violante do Canto. 1ª Ed. Paris: Stock, 1962. 219 p.

DE JESUS, Carolina. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10ª Ed. São Paulo: Ática, 2014. 200 p.

DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivências: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. 277 p.

- EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*. Tradução de Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. 1ª Ed. São Paulo: Todavia, 2021. 256 p.
- EGA, Françoise. *Lettres à une noire: récit antillais*. Paris: L'Harmattan, 1978. 230 p.
- ESTRELAS ALÉM DO TEMPO. Direção: Theodore Melfi. Produção: Donna Gigliotti e Kevin Halloran. Estados Unidos: 2016.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. 1ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.
- FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. 402 p.
- FRANÇOISE Ega: Celle qui dit non à l'ombre. Vivre ensemble – Comité Mam'Ega. Mémoire de la population: portrait d'habitants. Disponível em: <<https://vivreensemble.org/francoise-ega/>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.
- Favelada mineira no mundo das letras. *Alterosa*. Minas Gerais, Ano 1960, Edição 00332. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=060135&Pesq=favelada%20mineira&pagfis=21252>>. Acesso em 06 de janeiro de 2023.
- GUEDES, Aline. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos. Agência Senado. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2022/10/retorno-do-brasil-ao-mapa-da-fome-da-onu-preocupa-senadores-e-estudiosos>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.
- GUERRA, Júlio. Mãe Preta. 1955. Escultura fixa de bronze.
- LUCINDA, Elisa. Carolina de Jesus é literatura sim! Publishnews. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/24/carolina-de-jesus-e-literatura-sim>> Acesso em 06 de janeiro de 2023.
- MACIEL, Carolina P. R. “Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub”. *Opiniões, [S. l.]*, v. 5, n. 9, p. 74-80, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/124618>>. Acesso em: 6 de janeiro de 2023.
- O COLONO e o Fazendeiro. Guatá: cultura em movimento, 2022. Disponível em: <<https://guatafoz.com.br/o-colono-e-o-fazendeiro-poema-de-carolina-de-jesus/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 249 p.
- PEREIRA, Elizabeth Barbosa. Carolina Maria de Jesus: cronologia bibliográfica. Vida por escrito. Biografia. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/biografia/>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.

RIBEIRO, Djamila. Mexeu com uma, mexeu com todas. Carta Capital, 2017. Disponível em: <<https://cartacapital.com.br/revista/948/mexeu-com-uma-mexeu-com-todas>> Acesso em: 06 de janeiro de 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019. 136 p.

SIQUEIRA, Samanta Vitória; LUCENA, Karina de Castilhos. “Aquela que diz não à sombra: biografia e obra da escritora martinicana Françoise Ega”. Caligrama, Belo Horizonte, v. 25, nº 3, p. 57-75, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/17136>>. Acesso em 21 de outubro de 2022.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negrou ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 171 p.

TIRLONI, L. P.; MARINHO, M. “Carolina Maria de Jesus e a autorrepresentação literária da exclusão social na América Latina: olhares reversos aos de Eduardo Galeano e Octavio Paz.” Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 44, p. 249–270, 2014. DOI: 10.1590/2316-40184411. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9992>>. Acesso em: 6 jan. 2023.

TVE, Nação. Carolina de Jesus Parte 1. Youtube, 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.

TVE, Nação. Carolina de Jesus Parte 2. Youtube, 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlFfw&t=725s>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.

Um livro será baseado no “best-seller” da favelada. *Diário da noite*. São Paulo, nº 11.012. Ano XXXV. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093351&pesq=favelada%20Carolina&pagfis=62428>>. Acesso em: 21/10/2022.